



# Aulas no hospital

Aline Câmara



relógio marca 8h e a professora Karla Bastos está pronta para mais um dia de aula. Além dos cadernos e dos materiais lúdicos, luvas e capotes descartáveis fazem parte da rotina da classe hospitalar do Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira (IFF/Fiocruz). Rotina que ela vem desempenhando com dedica-

ção há um ano, quando teve início a parceria com a Prefeitura do Rio de Janeiro.

Para a professora, a continuidade do processo de aprendizagem dentro do hospital facilita o retorno sem prejuízos à escola. "Aqui, na Classe Hospitalar Fernandes Figueira, eu já alfabetizei crianças internadas que tinham dificuldade de aprendizagem, outras que não gostavam de ir à escola e passaram a vivenciar o estudo de outra forma, respondendo com bom

desempenho às atividades propostas. Crianças que possivelmente perderiam o ano letivo por conta do longo período de internação e tiveram o seu direito garantido", afirma Karla, que antes do IFF, já havia trabalhado a educação especial no Hospital Jesus. A instituição foi pioneira no país ao regulamentar a modalidade de ensino, na década de 50. Atualmente, no Brasil 138 instituições de saúde desenvolvem programas de classe hospitalar. No Rio de Janeiro, além do IFF, a atividade está

presente em oito hospitais.

Outro ponto positivo está relacionado ao processo de socialização das crianças. “A aprendizagem no hospital auxilia não só a adaptação da criança à nova realidade, como minimiza os impactos negativos do isolamento social. O estudo humaniza o período de internação. Com isso, nós percebemos que a aula se torna um prazer para a criança, que por sua vez, passa a aprender com mais entusiasmo”, destaca.

No IFF, ao contrário das salas convencionais da educação básica repletas de alunos, as aulas são individualizadas em função da necessidade de cuidados envolvendo a precaução de contato entre os pacientes e ocorrem nos leitos da Pediatria Geral, do Departamento de Doenças Infecciosas Pediátricas (DIPE), da Cirurgia Pediátrica, da Unidade Intermediária (UI) e da Unidade de Pacientes Graves (UPG). Contudo, não é somente o local das aulas que difere o método de ensino tradicional das redes pública e privada ao implementado na classe hospitalar.

“Em termos didáticos, o grande diferencial está no planejamento das aulas. Aqui nós temos a possibilidade de conhecer melhor as necessidades de cada aluno e, assim, montamos as atividades de acordo com suas limitações. Em alguns casos precisamos retroceder ao conteúdo programático, e em outros é necessário alterar a dinâmica da aula. Isso dificilmente acontece no ensino regular”, ressalta a professora Giselle Gomes, que desde o início de 2012 apoia Karla na classe.

Para que este planejamento personalizado seja realizado com eficácia, as professoras mantêm contato permanente com as escolas de origem das crianças. “Quando a criança se interna por um período longo, fazemos um levantamento de sua vida escolar. Consultamos os professores e diretores da escola onde ela está matriculada e apresentamos a eles uma proposta de programa a ser seguido. O objetivo é trabalhar em parceria com a escola e, em geral, conseguimos dar continuidade ao conteúdo programático sem que a criança tenha perdas consideráveis”, completa Karla.

O clima de parceria é mantido também entre a equipe de saúde, que acompanha o cuidado às crianças. Responsável por intermediar o programa junto à Secretaria Municipal de Ensino, a coordenadora do Núcleo de Apoio a Projetos Educacionais (Napec), Magdalena Oliveira, explica que a participação de todos é fundamental para o sucesso da iniciativa: “A classe hospitalar foi acolhida com muito carinho no IFF, não só pelos profissionais, como também pelos pais dos pacientes. A equipe multidisciplinar ligada à assistência reconhece a importância e par-

dica. “Ainda que eles queiram, cabe ao médico autorizar a realização das atividades para não prejudicar o tratamento”, explica Giselle.

Com a autorização concedida e olhares compenetrados, Larissa inicia os exercícios propostos. Ao final da tarefa, ela não economiza elogios à professora. “A Karla é compreensiva e nos ensina com carinho. Ela entende o momento que eu estou passando, respeita as minhas dificuldades e, muitas vezes, acaba mudando o formato da aula para torná-la mais divertida, com o intuito de chamar a minha atenção e me motivar.



► A professora Karla Bastos e um de seus alunos no IFF

ticipa ativamente do processo. A efetividade do trabalho reflete exatamente esta integração”.

Desde julho na DIPE, Larissa Beatriz Carneiro, de 14 anos está cursando o 6º ano do Ensino Fundamental. A aplicada aluna enfrenta sua segunda internação no IFF sem desanimar com os estudos. O mesmo acontece com Brenda Alves de Macedo, de 6 anos, matriculada no terceiro ano da pré-escola. A ansiedade para o início das aulas é um sentimento comum. Entretanto, o contato com as professoras depende da permissão da equipe mé-

Ela é um exemplo pra mim. Deesa forma, posso continuar meus estudos mesmo internada”, afirma a aluna.

É por essas e outras que a professora de Larissa e tantas outras crianças descreve a Classe Hospitalar Fernandes Figueira como uma iniciativa encantadora. Já sua companheira Giselle gosta de ressaltar o aprendizado adquirido: “Por incrível que pareça, tenho a impressão de que eu aprendo mais com eles. Hoje eu sou uma pessoa mais sensível, eu aprendi a focar nos detalhes para poder atender cada criança em sua individualidade”, conclui. 